

Custo não desestimula as famílias

Pagar mensalidades que, algumas vezes, chegam a representar 10% da renda familiar, não tem sido empecilho para que as crianças cursem o pré-escolar na rede particular na cidade do Rio de Janeiro. As greves do setor público e a pouca oferta de pré-escolas nas zonas urbanas — a maioria, como as 32 Casas da Criança, um projeto do governo do estado, localizam-se nas zonas rurais e nos morros do município — são os principais responsáveis por esta opção, em famílias de alta e baixa renda.

Na Zona Sul do Rio, as mensalidades podem chegar a Cz\$ 45 mil. "Todo mês é um choque", diz Beatriz Prado, 28 anos, que gasta cerca de Cz\$ 90 mil para manter os filhos Caio e Olívia, de 3 e 5 anos, na Escola Sá Pereira, em Botafogo, Zona Sul do Rio. Ela ganha Cz\$ 300 mil, entre a pensão do ex-marido e o salário como funcionária da Secretaria estadual de Transportes. "Mas é evidente a satisfação dos meus filhos com a escola", declara. "Além disso, não sei como faria para trabalhar, se eles não estivessem aqui".

"É o preço de duas calças jeans", compara o empresário da área de informática Carlos Henrique Correia, que paga Cz\$ 30 mil por mês para a pequena Mariana, de 4 anos, frequentar o Maternal 2 da Sá Pereira, durante a tarde. "A criança precisa, desde cedo, conviver com outras pessoas, fora do círculo familiar", explica.

A Sá Pereira dobrou o número de turmas de pré-escolar nos últimos três anos. Um dos caminhos foi fazer convênios com creches que não tinham para onde encaminhar os bebês depois que cresciam. "Hoje, é rara a mãe que fica com seu filho além dos três meses de idade", diz Maria Teresa Jaguaribe Moura, uma das diretoras da escola, que tem 100 dos 160 alunos no pré-escolar. Segundo Maria Teresa, 30% das crianças matriculadas estão na escola em horário integral, o que comprova a sua tese.

Desde o manuseio de massas e tintas, até os primeiros contatos com as letras e

números, passando por comemorações de datas marcantes, pelo relacionamento com o mundo externo, através de visitas a fábricas e zoológico, e pelo incentivo à criatividade, como a elaboração de livros feitos pelas crianças, as atividades propostas na pré-escola têm cativado pais e alunos. "Já conheço o sonzinho das letras", anuncia Ivan Ferreira Rebouças, 5 anos, enquanto manuseia placas contendo letras em relevo, para que as crianças conheçam o formato das letras e o associem ao som. Ivan cursa a pré-alfabetização do Jardim Escola Plim Plim, no bairro da Penha, subúrbio do Rio.

O menino Felipe Nascimento Trinta, de 3 anos, começou a falar com mais desenvoltura depois que entrou para o Jardim Escola Plim Plim. "Ele ficava muito sozinho em casa, não tinha com quem brincar e resolvi fazer a matrícula dele na escola", conta a mãe, Cássia Maria Nascimento Trinta, dona-de-casa, casada com um bancário que recebe cerca de Cz\$ 100 mil mensais. A mensalidade da escola sai por Cz\$ 12 mil, mas Cássia acha que "o sacrifício" vale a pena. "Sei que com uma boa escola ele vai ser alguma coisa na vida, mais tarde", justifica.

Manter uma escola particular num bairro humilde é difícil, segundo a dona e diretora do Jardim Plim Plim, Débora Gomes de Nazareth. Ela está reivindicando ao MEC o salário-educação, para fazer abatimentos (que chegam apenas à quarta parte) das mensalidades dos mais pobres. "Tenho os mesmos gastos de um colégio da Zona Sul, mas cobro uma mensalidade bem inferior", diz ela. De qualquer maneira, Débora acha que vale a pena investir na escola, que está crescendo. Ela alugou o prédio vizinho, onde pretende ampliar o número de salas para atender às turmas de pré-escolar, que somavam 45 crianças em 1985 e têm, hoje, 173.

Débora lidera a Associação das Pré-Escolas da Leopoldina (região que inclui o bairro da Penha), que conta, hoje, com 71 estabelecimentos. Segundo ela, a associação foi criada porque havia uma necessidade de conscientização dos pais, que viam a escola como "um lugar para deixar o filho enquanto iam fazer compras". "As crianças faltavam muito às aulas, de acordo com a conveniência dos pais. Não havia um respeito ao processo de desenvolvimento delas. Agora, isso está mudando bastante", diz Débora. (E.B.)